Das cantigas trovadorescas à literatura de cordel: uma análise

Gabriele Paula de SOUZA
Samira Prado CHECCHIO
Estudantes de Bacharelado em Letras na Universidade de São Paulo (USP)

***Resumo**: Neste artigo analisamos o trovadorismo como escola literária e suas diversas características, visto o seu contexto histórico e cultural. O trovadorismo é considerado como a primeira escola literária portuguesa, nascida no século XII, que se espalhou através de textos cantados para a população que vivia na corte portuguesa. Com a colonização portuguesa no Brasil, parte da cultura europeia foi transportada da bagagem lusitana até os portos nordestinos, onde, junto à cultura local, se popularizou o que conhecemos como cordel. Nesse novo tipo de tradição, um cantor, normalmente acompanhado de um violeiro, cantava acontecimentos daquela região, informando e entretendo o povo, que era, em sua maioria, analfabeto.*

Podemos então, através dessa análise, perceber que a tradição cordelista tem em sua origem características trovadorescas, tornando possível fazer comparações com textos portugueses e textos nordestinos, observando pontos em comum entre esses dois tipos de literatura, por mais que tenham sido inseridas em contextos socioculturais completamente diferentes.

A cultura e literatura cordelista, nos dias atuais, lutam pela sua conservação e seu devido reconhecimento. Por conta disso, mostraremos trechos de músicas do cordel brasileiro contemporâneas, peças de teatro e até mesmo livros que, usando desses diferentes tipos de arte, trazem em sua essência características do cordel que são possíveis de serem relacionadas às cantigas trovadorescas, fazendo assim, um paralelo entre essas duas literaturas.

***Palavras-chave**: trovadorismo; literatura; cantiga; cordel; cultura.*

Introdução

Primeiramente, a escolha do tema. A literatura de cordel é um assunto de interesse comum entre ambas as alunas que escrevem este artigo. Ao pesquisarmos mais sobre o assunto, descobrimos que a sua origem possui relação com as cantigas trovadorescas, além de diversos pontos em comum que pudemos observar entre essas duas literaturas. Sendo assim, decidimos analisar os escritos e entender as características para poder compará-las e sintetizá-las em uma só pesquisa, de autoria própria.

Para a realização deste trabalho, usamos a pesquisa bibliográfica como principal método. Através de diversos textos trovadorescos, cordelistas e artigos acadêmicos, conseguimos uma base de dados consistente o suficiente para escrever um artigo a respeito do tema escolhido.

Algumas características como a métrica, o formato e os temas das cantigas são comuns nos textos que apresentaremos a seguir, para que se observe, assim, como a literatura de cordel brasileira, nascida no nordeste, e a literatura trovadoresca, nascida em Portugal, são intrínsecas, apesar das diferenças culturais, temporais e sociais, tendo cada uma suas peculiaridades.

1.0 O Trovadorismo e a Idade Média na Europa Ocidental

Dos séculos XII ao XIV, durante a Idade Média, principalmente nas regiões de Provença, no Sul da França, e em Portugal, surgiu uma literatura que ficou conhecida como “Trovadorismo” e foi considerada a primeira escola literária europeia.

O contexto histórico do desenvolvimento dessa literatura é um tanto quanto conturbado. Na Europa Ocidental do século XII, o sistema feudal estava em ascensão. Nele, tínhamos como pilares uma sociedade com pouquíssima mobilidade social, a agricultura auto suficiente como principal atividade econômica, governos descentralizados, visto que em cada feudo havia uma organização diferente, e um povo que se mantinha dentro de muralhas com medo de terem suas regiões invadidas por estrangeiros. Porém, mesmo com todas essas características e a presença de um senhor que comandava cada feudo, o monopólio do poder estava nas mãos do clero. A Igreja Católica expandiu as suas crenças e valores, tornando-se a instituição mais poderosa da Idade Medieval europeia e controlando a cultura, política e sociedade da época. Assim, a forma de expressão da poesia e da música se deu a partir de um controle vindo dessas instituições, fazendo com que as “trovas”, nome dado aos poemas cantados pelos artistas da nobreza, se propagassem cada vez mais nas cortes. Além disso, durante a Idade Média, poucas pessoas sabiam ler e escrever e, por isso, os textos escritos eram cantados e difundiam não só cultura e entretenimento, como também faziam denúncias políticas e sociais da época.

Os textos que conhecemos como “trovas” possuíam um modelo fixo chamado de poesia monostrófica (de apenas uma estrofe), na qual encontra-se a presença da redondilha maior (sete sílabas poéticas) em cada verso. Os escritos eram em galego-português, língua utilizada em Portugal durante este período. Dentro do compilado de cantigas trovadorescas que foram conservadas ao longo dos últimos séculos, podemos subdividi-las em dois modelos principais: cantigas líricas e satíricas, ambas com subdivisões importantes que entenderemos nos próximos tópicos.

1.1 As cantigas líricas

As cantigas líricas possuem como característica o amor. Cada qual da sua maneira, o tema amoroso é constante em ambas, que são conhecidas como Cantigas de Amor e Cantigas de Amigo.

Por se passarem no ambiente da corte, nas Cantigas Amorosas, o eu-lírico idealiza a mulher amada, que normalmente é de uma classe social superior a do poeta, tornando o amor impossível e a amada inalcançável. O poeta exprime todo o seu amor, juntamente com o sofrimento que a situação o envolve. A amada normalmente já era casada e não podia se envolver com um homem de uma classe mais baixa. Por conta disso, o poeta mantinha-se discreto, preservando a identidade da amada e aceitando que o amor não

poderia concretizar-se. Assim, a saída para acabar com o sofrimento do eu-lírico era a morte ou o enlouquecimento por não ter a sua paixão consolidada.

O eu-lírico era masculino e muitas vezes usava a expressão “mia senhor” para se referir à amada. As narrativas eram de sofrimento amoroso e a esse tipo de texto demos o nome de “coita”. Podemos ver um exemplo de cantiga amorosa, escrita por João Garcia Guilhade, a seguir:

[1]A bõa dona por que eu trobava,

e que nom dava mulha rem por mi,

pero s’ela de mi rem nom pagava,

sofrendo coita sempre a servi;

e ora já por ela ‘nsandeci,

e dá por mi bem quanto x’ante dava.

No texto acima, observa-se características clássicas da poesia lírico-amorosa de amor. Desde o início, percebe-se a coita amorosa e a falta que o mesmo sente da amada, sendo esse um grande exemplo desse tipo de texto.

Uma outra subdivisão da poesia lírico-amorosa são as Cantigas de Amigo. Nelas, o poema é escrito por um homem, porém, o eu-lírico é feminino. A temática principal não é mais o sofrimento por um amor idealizado, mas sim a saudade. Geralmente, esse tipo de cantiga é escrito em forma de diálogo para facilitar a leitura do trovador na hora de cantar o texto. Além disso, o ambiente não é mais a corte, vemos o campo como paisagem principal, exibindo o lamento da moça com a partida de seu amado. O amor aqui é possível de se realizar, em alguns poemas até já se concretizou, mas por algum motivo houve uma partida do amado. Sobre a forma, a maioria dos textos se apresenta com redondilhas menores (cinco sílabas poéticas) e possuem um refrão, marcando a oralidade nas cantigas de amigo. Em alguns desses textos, encontramos também outras personagens além dos amantes, geralmente femininos, como mães e irmãs, compartilhando do sentimento de saudade da moça do campo. Ademais, apesar do sentimento ser saudoso, ele não é triste como nas cantigas de amor, pois representa um amor que foi realizado, algo feliz, no final das contas.

Podemos observar um exemplo de cantiga amorosa, escrita por Martim Codax, a seguir:

[2]Ai ondas que eu vim veer,

se me saberedes dizer

---

[1] A boa dona por quem eu trovava,/ e que não dava nada por mim,/ embora ela não gostasse nada de mim,/ com sofrimento sempre a servi;/ e agora já por ela enlouqueci,/ e dá por mim tanto quanto antes dava.

[2] Ai ondas que eu vim ver,/ se me sabeis dizer/ por que tarda meu amigo sem mim?/ Ai ondas que eu vim mirar,/ se me sabeis contar/ por que tarda meu amigo sem mim?

por que tarda meu amigo sem mim?

Ai ondas que eu vim mirar,

se me saberedes contar

por que tarda meu amigo sem mim?

Nota-se nele elementos característicos das cantigas de amigo, tais como a saudade que a moça tem de seu amado e a proximidade a uma confissão, quase um diálogo. Além disso, percebemos também a presença do eu-lírico feminino, mesmo que o poeta seja um homem.

1.2 Cantigas satíricas

Nas cantigas líricas, as temáticas são mais subjetivas: retratam a organização social da época de forma idealizada, bonita de se ler. Em contrapartida, nas cantigas satíricas a temática é muito mais social e política, tratando de assuntos que denunciam a sociedade da época, seja de forma objetiva ou subjetiva. São subdivididas em cantigas de escárnio e de maldizer.

As cantigas de escárnio apresentam críticas indiretas. Nelas, o poeta usa palavras, constantemente de duplo sentido, para satirizar a vida na corte. A pessoa que está sendo satirizada não é citada diretamente, apenas temos uma crítica "geral". Podemos observar como exemplo uma cantiga de João Garcia Guilhade:

[3]Ai dona fea, fostes-vos queixar

que vos nunca louv'en[o] meu cantar;

mais ora quero fazer um cantar

em que vos loarei todavia;

e vedes como vos quero loar:

dona fea, velha e sandia!

No poema de João Garcia, atentemo-nos à característica das cantigas de escárnio de caçoar de alguém, usando um vocabulário mais chulo, menos formal, com a finalidade de realmente satirizar de forma indireta.

As cantigas de maldizer, por sua vez, apresentam críticas sociais diretas, sendo essa a única característica que distingue esses dois tipos de texto. Reparamos também que, nessas cantigas, existem

[3] Ai dona feia, fostes-vos queixar/ que vos nunca louvei em meu cantar;/ mas agora quero fazer um cantar/ em que vos louvarei ainda;/ e vedes como vos quero louvar:/ dona feia, velha e idiota!

críticas que citam nomes e cargos da sociedade, usando da grosseria e linguajar chulo, característica comuns nas cantigas de maldizer. Muitos desses poemas satirizam o amor cortês, tema recorrente das cantigas líricas, sem o uso de palavras com duplos sentidos, utilizando um vocabulário direto. Observamos essas características no texto de Afonso Anes do Cotom, a seguir, que inclusive cita o nome da pessoa que deseja ofender:

> [4]A ũa velha quisera trobar
>
> quand'em Toledo fiquei desta vez;
>
> e veo-me Orraca López rogar
>
> e disso-m'assi: — Por Deus que vos fez,
>
> nom trobedes a nulha velh'aqui
>
> ca cuidarám que trobades a mim.

Assim, após compreendermos as características sociais, culturais e literárias do trovadorismo e conhecermos essa escola literária, podemos observar a partir do próximo capítulo como esses textos, iniciados no século XII, possuem relação com uma literatura produzida do Brasil para o brasileiro, o cordel, e como os acontecimentos históricos foram essenciais para que esse novo movimento surgisse e se expandisse em parte da sociedade e do território brasileiro.

2.0 A vinda da cultura trovadoresca e o início da literatura de cordel no Brasil

A colonização portuguesa no Brasil foi a maior contribuinte para a fusão de culturas dos povos tradicionais da região com as características de intelectuais portugueses e a formação de uma literatura tradicionalmente brasileira. Assim, nasce o cordel no Nordeste brasileiro, transmitindo histórias medievais de guerras, reinos, príncipes e princesas. Porém, por outro lado, representava uma cultura do dia a dia, onde textos eram contados, principalmente nas regiões sertanejas, a fim de entreter e frequentemente informar aquele povo a respeito dos acontecimentos recentes do país.

O cordel é uma literatura de folhetos. O termo portugês "cordel" significa "uma corda bastante fina", o que faz sentido na medida que era dessa forma que os textos em cordel eram expostos, normalmente em feiras, onde os não-analfabetos compravam esses escritos. Porém, no Brasil, esses folhetos eram comumente colocados em malas, para facilitar a fuga do vendedor caso fosse necessário. Esse tipo de literatura se espalhou conforme as pessoas liam para a população analfabeta que, na época, representava a maior parte da população.

---

[4] A uma velha quisera trovar/ quando em Toledo fiquei desta vez;/ e veio-me Urraca López rogar/ e disse-me assim: — Por Deus que vos fez,/ não troveis a nenhuma velha aqui/ pois acharão que trovastes para mim.

Os cordelistas brasileiros são os herdeiros dos trovadores, que cantavam os seus textos a fim de entreter ou compartilhar importantes críticas e informações a respeito da sociedade da época. Muito do que as pessoas ouviam dos cordéis representava as impressões de quem cantava aqueles textos, era uma literatura mais pessoal porém, ao mesmo tempo, informativa. Os cordéis, na maioria das vezes, eram diferentes uns dos outros. Uma mesma história ou informação poderia ser passada de diversas maneiras, já que nesse tipo de literatura a tradição era oral e não escrita, podendo variar conforme as impressões de quem estava cantando.

Percebemos então que a literatura de cordel é intrínseca, principalmente no quesito da forma e dos temas, ao trovadorismo, escola literária portuguesa que, como observamos no capítulo anterior possuía forma e características próprias mas também era cantada por alguém. Porém, no Brasil, com grande parte da população sendo analfabeta, o cordel por muito tempo foi uma tradição apenas oral, passando a ter registros escritos a partir do século XIX com os textos de Leandro Gomes de Barros, considerado o pai desse gênero literário. Observamos um trecho do texto “A seca do Ceará”, do autor, a seguir:

Seca as terras as folhas caem,
Morre o gado sai o povo,
O vento varre a campina,
Rebenta a seca de novo;
Cinco, seis mil emigrantes
Flagelados retirantes
Vagam mendigando o pão,
Acabam-se os animais
Ficando limpo os currais
Onde houve a criação.

Não se vê uma folha verde
Em todo aquele sertão
Não há um ente d’aqueles
Que mostre satisfação
Os touros que nas fazendas
Entravam em lutas tremendas,
Hoje nem vão mais o campo
É um sítio de amarguras
Nem mais nas noites escuras
Lampeja um só pirilampo.

Neste trecho, podemos perceber características comuns encontradas tanto na literatura de cordel quanto nas cantigas trovadorescas como, por exemplo, críticas sociais que eram passadas para a sociedade através do canto. Percebe-se também o uso de uma linguagem menos formalizada, mais próxima à fala popular, utilizando-se de expressões locais, como “pirilampo” ou “rebenta”, para transmitir informações, assim como em alguns dos textos trovadorescos.

3.0 A literatura de cordel no Brasil

A literatura de cordel é uma forma literária de cunho popular que narra os mais diversos temas, tais como fatos históricos, peças de teatro, histórias de romance, críticas, sátiras político-sociais, entre outras. Popularmente, consiste na impressão de relatos orais, os quais são declamados em espaço público pelo autor ou vendedor para divulgação da obra, podendo ser ou não acompanhados de viola. Suas características físicas costumam seguir um padrão na impressão: papel pardo, medindo 12x16cm e comumente possuindo oito, dezesseis, vinte e quatro ou trinta e duas páginas, sempre com a presença de xilogravuras condizentes com a história retratada. Entretanto, apesar de seguirem esses modelos pré-determinados, a temática, devido à ampla variedade, suas características físicas não são o suficiente para se classificar uma obra como literatura de cordel. Nesse contexto, considera-se a rima como a característica mais marcante, já que a oralidade é um dos pilares de sua existência e os livretos são, sobretudo, materiais de apoio para a materialização e difusão de venda, mas não necessariamente a cultura em si, como outras formas de literatura, por exemplo.

Por conta da forte presença da oralidade, a autoria das obras são facilmente manipuladas. Para marcar a autenticidade, é comum a presença de acróstico com o nome do autor ao final dos versos, como nota-se no exemplo abaixo, onde a letra inicial de cada verso forma, ao final, ‘LEANDRO’:

Leitor não levantei falso

Escrevi o que se deu,

Aquele grande sucesso

Na Bahia aconteceu,

Da forma que o velho cão,

Rolou morto sobre o chão

Onde o seu senhor morreu.

BARROS (1806, PG 40)

Apesar de atualmente ser possível encontrar cordelistas em grande parte da extensão do Brasil, mesmo que em menor intensidade, foi originalmente no Nordeste onde tal prática se fortaleceu como cultura e patrimônio imaterial, dando destaque para os estados de Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. É devido a isso que uma considerável parte do acervo cordelístico nacional tem como cenário as realidades nordestinas.

4.0 O Cordel nas perspectivas atuais

Em 1997, um grupo de teatro e poesia ganha destaque no cenário pernambucano: nasce, daí, o Cordel do Fogo Encantado. Já no início do novo milênio, o grupo se consolida na música com uma gravação de estúdio com composições pertencentes ao movimento de contracultura brasileiro, o manguebeat, que estava em ascensão na década de 1990. O manguebeat é marcado pela sua forte crítica político-social do esquecimento e desleixo governamental com o povo sertanejo e os mangues, abordando a desigualdade, compondo homenagens à vasta cultura local e indo em oposição ao elitismo nacional. Vemos abaixo “O Cordel Estradeiro”, composição do álbum homônimo do grupo:

A bença Manoel Chudu
O meu cordel estradeiro
Vem lhe pedir permissão
Pra se tornar verdadeiro

Pra se tornar mensageiro
Da força do teu trovão
E as asas da tanajura
Fazer voar o sertão

Meu moxotó coroado
De xiquexique facheiro
Onde a cascavel cochila
Na boca do cangaceiro

Eu também sou cangaceiro
E o meu cordel estradeiro
É cascavel poderosa
É chuva que cai maneira
Aguando a terra quente
Erguendo um véu de poeira
Deixando a tarde cheirosa

É planta que cobre o chão
Na primeira trovoada
A noite que desce fria
Depois da tarde molhada

É seca desesperada
Rasgando o bucho do chão

É inverno e é verão

É canção de lavadeira
Peixeira de Lampião
As luzes do vaga-lume
Alpendre de casarão
A cuia do velho cego
Terreiro de amarração
O ramo da rezadeira
O banzo de fim de feira
Janela de caminhão

Vocês que estão no palácio
Venham ouvir meu pobre pinho
Não tem o cheiro do vinho
Das uvas frescas do Lácio
Mas tem a cor de Inácio
Da serra da Catingueira
Um cantador de primeira
Que nunca foi numa escola

Pois meu verso é feito a foice
Do cassaco cortar cana
Sendo de cima pra baixo
Tanto corta como espana
Sendo de baixo pra cima
Voa do cabo e se dana

Ao ouvir o som, percebe-se diversas relações com a poesia de cordel tradicional: o ritmo poético é marcado pelos versos rimados que, acompanhados de um instrumento de percussão, apresentam elementos característicos do nordeste, tais como a vegetação, a seca do sertão, arquitetura, cultura, crenças e até a figura de Lampião. Neste contexto, nota-se o sentimento de pertencimento e de orgulho da origem do eu-lírico, sobretudo nos versos precedentes de “Eu também sou cangaceiro''. Nas últimas duas estrofes identifica-se ainda a esfera crítica, que coloca todas as qualidades citadas anteriormente como um afronte àqueles que “estão no palácio'', isto é, a elite.

Vejamos também uma estrofe outra composição do grupo, “Chover (ou Invocação Para Um Dia Líquido)”, que aborda a seca do sertão:

O sabiá no sertão
Quando canta me comove,
Passa três meses cantando
E sem cantar passa nove
Porque tem a obrigação
De só cantar quando chove

Para além do Cordel do Fogo Encantado, a cultura cordelista ainda permanece presente nas ruas do nordeste, de Olinda às entradas longínquas do sertão, seja através de papel pardo e xilogravuras ou apenas da cantoria. Em tempos de popularização do acesso à internet, muitos artistas usufruem deste meio para expandir as possibilidades de divulgação, como é o exemplo do cordelista Bráulio Bessa, cearense com mais de quatro milhões de seguidores nas redes sociais, local onde divulga suas declamações. A sua popularização talvez se deva ao fato da identificação do público com os sentimentos transpassados de maneira simples, mas não simplória, pelos poemas. Abaixo, o cordel "Galope à beira-mar" do autor:

> Eu sou Bráulio Bessa, filho de Alto Santo,
> nascido e criado na terra da luz,
> comedor de tripa, pirão e cuscuz.
> Escrevo e declamo no riso e no pranto,
> espalho poesia por tudo que é canto,
> por essa estrada escolhi caminhar.
> Só paro no dia em que Deus me parar,
> dizendo: – "Meu filho, venha aqui em cima
> mostrar para os anjos como é que faz rima
> cantando galope na beira do mar."

Considerações finais

Apesar de, historicamente, o cordel ser um resquício colonial, já que suas origens remontam, mesmo que indiretamente, à metrópole portuguesa, a transformação e adaptação dessa literatura como patrimônio imaterial mostra-se como elemento essencial não só para a difusão dos costumes daqueles que muitas vezes são esquecidos no cenário cultural nacional, mas também como sendo um instrumento de resistência contra a elitização da cultura, onde o sudeste do país detém a maior parte dos holofotes midiáticos.

Assim, o cordel esbarra na mesma dificuldade acadêmica que se encontra na tentativa de definir em palavras o conceito de o que é ou não "arte": a ausência de fronteiras claras que delimitam seu conceito, isto é, temáticas e características pré-determinadas de métricas, não são, neste caso, um fator de pobreza ou confusão conteudista, muito pelo contrário: representa uma infinidade de possibilidades que iluminam seu povo.

Referências bibliográficas

GRILLO, M. Ângela de F. Da cantoria ao folheto: o nascimento da literatura de cordel nordestina. **Cadernos de Estudos Sociais**, *[S. l.]*, v. 24, n. 2, 2011. Disponível em: https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1404. Acesso em: 13 jul. 2021.

ABREU, Márcia. CINCO SÉCULOS NO BARBANTE: a história da literatura de cordel em portugal. **EPA - Estudos Portugueses e Africanos**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 15-25, 1987. Semestral. Disponível em: https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/epa/article/viewFile/5596/5946. Acesso em: 5 jul. 2021.

MIRANDA, José Carlos Ribeiro. O trovadorismo galego-português e a Europa. *In*: GÉNESE e consolidação da ideia de Europa: Idade Média e Renascimento. **Imprensa da Universidade de Coimbra**: [*s. n.*], 2009. v. IV, p. 23-30. ISBN 978-989-8074-51-5.

BARROS, José D'assunção. POESIA TROVADORESCA E HISTÓRIA: sobre o tratamento da poesia trovadoresca como fonte histórica. **Revista tempo de conquista**. Disponível em: http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC9/JOSEDASSUN%C3%87AOBARROS.pdf

BARROSO, Maria Helenice. Os cordelistas no D.F: dedilhando a viola, contando a história. **Revista Tempo de conquista**, [*s. l.*], 2 maio 2006. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2079/1/2006_Maria%20Helenice%20Barroso.pdf

AMARAL TEIXEIRA, Larissa. **Literatura de cordel no Brasil: Os folhetos e a função circunstancial**. Orientador: Professor Mestre Severino Francisco. 2008. 44 p. Monografia (Curso de comunicação social- Habilitação em jornalismo) - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB, Brasília, 2008. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1840/2/20513195.pdf

E SILVA, V. L. de L. Primórdios da literatura de cordel no Brasil - Um folheto de 1865. **Revista Graphos**, *[S. l.]*, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/10909. Acesso em: 21 jul. 2021.

ROCHA, Maria Iêda J. da; OLIVEIRA, Rayane Maria da Silva; PÁDUA, Vilani Maria de. **Literatura de cordel: um gênero poético**. Disponível em: https://publicacoes.fafire.br/diretorio/nupic/nupic_2016_10.pdf

ALGERI, Nelvi Malokowsky. **A poesia trovadoresca e suas relações com a literatura de cordel e a música contemporânea**. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/810-4.pdf

XAVIER, César Moutinho; NASCIMENTO, Gilson Felix do. **A influência das baladas, jograis e trovas no Nordeste do Brasil**: da cantiga ao cordel. Disponível em: https://publicacoes.fafire.br/diretorio/vpv/vpv_14_21.pdf

Barros, Leandro Gomes de. **História do cachorro dos mortos** [en ligne]. Juazeiro do Norte - CE - Brasil : Filhas de Silva, José Bernardo da (Prop.) - Literatura de Cordel José Bernardo da Silva, 1976, 40p.

CORDEL DO FOGO ENCANTADO. **O Cordel Estradeiro**, Recife, Fogo Encantado, 2001, 2:27 min.

CORDEL DO FOGO ENCANTADO. **Chover (ou Invocação Para Um Dia Líquido)**, Recife, Fogo Encantado, 2001, 5:08 min.

BESSA, Bráulio. Galope à Beira-mar. **Um carinho na alma**. Sextante, 2019, p.14.